

TENDÊNCIAS

Surdos: o narrar e a política

Gladis Perlin*
Wilson Miranda**

Estou consciente de lo que es ser sordo y estamos orgullosos de nosotros mismos como personas sordas, orgullosas de nuestra lengua y de nuestra cultura. Nuestra función como sordos nos permite tomar consciencia de nosotros mismos y respaldar a nuestros iguales.

(Juan Eugenio Ravelo-Mendoza)

Estas palavras de Juan Eugenio permitem uma exploração do que entendemos como ato narrativo do **ser surdo** que envolve a temporalidade e a espacialidade como política. É considerado um ato: olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença.

O sentido que Juan Eugenio dá ao **ser surdo** faz do estar sendo surdo um aspecto vivencial. Ou seja, esse aspecto surge como elemento das narrativas quando elas afirmam aquilo que consideramos essencial à identidade surda. Assim, tais palavras inclusive discutem as articulações que tanto podem ser de um líder surdo como Juan Eugenio, como de todos os surdos que se encontram na instabilidade da identidade. Este aspecto depende, em boa parte, das narrativas que se contam e são contadas a partir da experiência de ser. No entanto, não são semelhantes em todas as narrativas do estar sendo surdo, mas constituem parte integrante da maioria¹ que vive na comunidade surda.

Notadamente reflete bem a diferença de **ser surdo**, a diferença que vai desde o ser líder ativo nos movimentos e embates que envolvem uma determinada função ativa, até daqueles outros que iniciam contatos nos contornos de fronteiras².

* Surda, Mestre e Doutora em Educação, com apoio da CAPES. Atua no Núcleo de Políticas Educacionais para Surdos – NUPPES/UFRGS.
E-mail: gladisp@cpovo.net

** Surdo e Pesquisador da NUPPES/UFRGS. Educador do CMET-Paulo Freire. Doutorando em Educação - Centro de Educação da UFRGS.
E-mail: mwilson@cpovo.net

Este estar sendo surdo é um espaço que depende muito da essencialidade ou do disco em torno do qual giram. Bem como de resíduos que subsistem para a constituição de identidades essenciais constitutivas dos mais diversos grupos³ que constituem a temporalidade significativa da modernidade tardia.

Significado de ser surdo

As palavras de Juan Eugênio foram propositadamente citadas como uma excelente oportunidade para a descrição referente ao objeto de interesse deste artigo: **ser surdo**⁴.

As identidades essenciais imanentes ao **ser surdo** mostram narrativas constantes e idênticas a de Juan Eugênio. As pesquisas que estamos desenvolvendo desvendam a intenção referente a estas identidades orientadas no sentido de ser. O produto destas pesquisas já mostra a diferença: exhibe o conceito **ser surdo** como um conceito fluido onde a epistemologia esgota o conhecimento presente na essencialidade da comunidade surda (sem esquecer hibridismos) e não mais o conceito da deficiência, da clinicalização, da cura, da incapacidade... Não mais o conceito de ser surdo falante ou não falante, mas exclusivamente que pode utilizar-se da fala ou da língua portuguesa para intermediar o intercâmbio cultural⁵.

Também sugerimos que continuemos a aprofundar mais e mais os níveis de compreensão do ser surdo ou conceito de **ser surdo**. Temos a pesquisa atual do Dr. Paddy (2002), surdo, orientador na Pós-Graduação na Universidade de Bristol, Inglaterra, que apresenta inclusive uma nova palavra para o **ser surdo**: *Deafhood* (palavra nova que não significa “surdez”, mas **ser surdo**). Este termo concorre não somente para mover-se e ligar-se à comunidade surda, mas também para a continuidade da exploração de novos níveis de significado. O que concorreu para a formação da palavra *deafhood*? O inglês tem substantivos como *manhood*, ou seja, ser homem ou o estado de passagem; *womanhood*, ou seja, ser mulher ou o estado de ser ou atingir. Então, os surdos ingleses tiveram um espaço criativo para a invenção da nova palavra *deafhood*, captando significados diferentes, significados para os tempos atuais.

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura⁶.

Diferença de ser

Se tivéssemos que fazer um exercício de olhar de fora a diferença de ser surdo, poderíamos dizer que o momento é próprio para se fazer inversão, problematizar a normalidade ouvinte e não a alteridade surda, assim como sugere Skliar (1999):

ao invés de entender o surdo como uma exclusão e um isolamento no silêncio, entender como uma experiência e uma representação visual; ao invés de representá-la através de formatos médicos e terapêuticos, quebrar esta tradição por meio de concepções sociais, lingüísticas e antropológicas; em vez de submeter os surdos a uma etiqueta de deficientes, compreendê-los como formando parte de uma minoria lingüística.

Mas como estamos olhando de dentro do ser surdo, pois também somos surdos, queremos destacar aqui a diferença de ser surdo na temporalidade e na espacialidade em que inventamos ser surdos acolhendo a narrativa das identidades essenciais de ser.

A visão do outro que Skliar (2002) busca traduzir em seu livro *Y si el otro no estuviera ahí?* insiste em abordar, numa forma dinâmica, aquilo que se representa e pode ser também compreendido ao olhar o outro surdo.

Primeiramente o autor analisa a bem conhecida representação daqueles que atribuem ao surdo ou que sendo surdos se atribuem a si mesmos como anormalidade, como deficiência, como falta de algo, como seres incompletos, cujos significados se perdem nos conceitos da palavra “surdez”.

Uma segunda análise envolve a outra conhecida representação daqueles que vêm a questão sob o aspecto de fronteira, de corpo amorfo e incontrolável, uma espécie de mente selvagem, um tipo de linguagem ininteligível ou na ausência, ou na não capacitação para o abstrato.

Ainda outra perspectiva apresenta o outro surdo como o desordenado, uma visão de ambivalência, imperfeição, porque ele simplesmente quer ser o outro, na sua alteridade infinita.

A última representação é a do outro surdo como o normal em que o corpo assume formas tentando construir uma contra narrativa, como no caso de Juan Eugenio, de igual força a da palavra “surdez” onde os significados amplos não se atêm mais apenas à diferença sócio-cultural e em que encontrar os aspectos mais profundos às questões da diferença, do hibridismo, assim como Bhabha (1998) e outros autores abordam, se torna fundamental.

Nessa forma de representar, nós surdos podemos rebater as críticas àqueles que impõem a nós a identidade ouvinte como se fosse hegemônica, centrada, única⁷. Podemos mostrar a pedagogia da diferença contrapondo a política da inclusão e ao bilingüismo⁸ e mostrando os horrores que os ouvintes nos impõem por considerarem-se a si mesmos como normais ou como centro das decisões sobre os outros. Essa forma de representar diferencia-se das demais que localizamos como formas de representar de periferia.

Significado de comunidade surda

É provável que nas narrativas surdas enfatizemos a questão das identidades essenciais, no sentido daquelas que estejam mais orientadas no sentido de ser. A comunidade surda, assim como a cultura surda, não se constituem em agências de menos valia a parte. Elas existem em toda sua potencialidade. O que caracteriza essa herança cultural da comunidade surda é a língua de sinais, já provada pelos significados realmente diferentes e capazes de carregarem com desenvoltura aspectos de profundidade como qualquer outra língua mesmo na originalidade que lhe é peculiar. Segue a isso como parte de sua cultura a presença de outros significados que fazem mediação com outras línguas.

Na verdade, segundo afirmou Paddy Ladd (2002), hoje a comunidade surda constrói o conceito de surdo de diferentes formas. Alguns enfatizam mais os aspectos políticos, outros os aspectos referentes à língua de sinais e artes, alguns mantêm um tipo “ser surdo” como minoria, como comunidade, como povo. Podemos dizer que temos, segundo a FMS⁹, uma população de 700 milhões de surdos no mundo e que nos movemos na multiplicidade de grupos.

Duvido que algum surdo conhecedor de sua cultura e viverdor nestes ambientes de cultura surda se sinta bem afirmando ser ouvinte. As narrativas primam pela essencialidade dessa diferença de ser. Não dizemos diversidade, pois diversidade leva a encarar a deficiência como uma questão de identidade como fazem os surdos da periferia que negam, não conseguem captar, ou ainda não tem consciência das questões de essencialidade.

Para os surdos, um aspecto nas relações entre os surdos com outros grupos humanos, é ser surdo. É um processo para a constituição de dinâmicas de poder: identidade, língua de sinais, comunidades surdas, cultura surda, artes surdas. Para esta afirmativa valem os avanços presenciados no ambiente da comunidade surda, ou seja, os avanços nos campos da educação de surdos, bem como os avanços sócio-culturais, lingüísticos que temos alcançado, ou seja, os novos rumos, graças às pesquisas iniciadas em contato com a comunidade surda.

Estereótipo e ênfatização da “surdez”

A narrativa de Juan Eugenio é de um dos sujeitos que pensa no novo jeito de ser surdo. Ele está entre aqueles que, no grupo de surdos, não analisam a surdez de forma estereotipada. “Surdez”, deficiência, menos valia, deficiência, um mal nocivo, vergonhoso, diabólico... são termos que se sobressaem nas narrativas de surdos de periferia ao referir-se a sua diferença. Mas estas narrativas não estão somente nos espaços surdos, os territórios ouvintes contêm esta narração de forma mais inofismável.

Há os que assumem posições estereotipadas em relação ao **ser surdo**. É normal. Nesse viés, citam que isto de política surda é uma forma de organização de gueto¹⁰, que é “surdismo”, ou que colocam conceitos estereotipados como fazem a maioria. Nesse ponto, é importante a pergunta: Que é ser surdo? Como represento os surdos? Que perguntem, que esclareçam todas as suas dúvidas e que conheçam as nossas diferenças e nos tratem como tal, é a questão para que não se invente anormalidades onde elas não existem. Não queremos que façam como fez um professor que após termos lhe falado de toda esta diferença por horas e horas, ele nos remeteu um trabalho onde repetiu tudo novamente: “surdez”, deficiência auditiva, decibéis, incapacidade, não aprendizagem. Um olhar atento a esta posição impede uma invenção pessoal do ser surdo como deficiência. Precisamos voltar a pensar atentamente no porquê ainda se enfatiza uma representação do outro surdo como alteridade deficiente, como selvagem, ou como ser desordenado.

Questões de ambivalência

Obviamente os efeitos do discurso hegemônico envolvem legitimação. Esse aspecto é evidente e consensual. Sempre haverá ambivalência no confronto da cultura de maiorias e de minorias, comunidades de maiorias e de minorias. A convivência entre culturas e comunidades no contexto moderno leva a ambivalências. No caso de aceitação da ambivalência lateral é possível identificarmos formas híbridas.

Na ambivalência não é possível visualizarmos espaços ou territórios dos diferentes. Ela se caracteriza como um espaço único. Não se consegue o lateral. Ela é um espaço onde vemos a outra cultura como “uma violação dos limites do espaço significante, ela permite no próprio nível do discurso uma contra divisão de objetos, usos, significados, espaços e propriedades”(BARTHES apud BHABHA,1998). Para Barthes, é evidente que uma cultura defende necessariamente seu direito de ser e de existir e que coloca seus significados e posições como questão de sobrevivência para outras culturas.

É calculada a violência do signo poético no interior da ameaça de violação política que podemos compreender os poderes da cultura diferente e os direitos de vir a ser cultura em sua alteridade de narrar-se. Estando nos espaços da cultura surda pode-se dizer que é muito bom ser surdo hoje. A vida surda é hospedeira com seu espaço de comunidade.

Uma mostra de ambivalências seria dizer que a língua dos sinais é incompatível com a transmissão de teorias ao sujeito surdo, que ela não está constituída ou reconhecida usualmente. No entanto, o sujeito¹¹ que, frente aos surdos, se apega às questões de validade cultural única entra em uma posição de não entendimento deste modo de ser surdo. O paradoxo dessa demanda conseqüentemente é uma ambivalência da posição cultural.

Algumas posições menos relevantes, porém discriminatórias, que promovem um constante desaparecimento ou afastamento da comunidade e da cultura surda, são aquelas estereotipadas pelas quais alguns se posicionam para se referir aos surdos e que podem ser caracterizadas como forma de violência cultural.

Nosso objetivo é captar a ambivalência em sua extensão completa. A limpidez de formar espaços, conhecimentos e posições diferenciais em relação aos outros denota espaços conquistados. No caso da cultura ouvinte, o notável exercício do ouvintismo requer produções de subjetivação e efeitos de identidade. Serve-se para isso inclusive de práticas discriminatórias sobre a cultura surda, pichando-a com sua marca visível e transparente de poder. No entanto isso envolve as questões de ambivalência.

Questões de pedagogia das narrativas

Deduzimos dos dois últimos documentos¹² da comunidade surda as questões de pedagogia das narrativas. O primeiro se encarrega de mostrar à sociedade como está a educação dos surdos e como ela deveria ser, de acordo com os desejos e expectativas educacionais. O segundo corresponde a um passo decisivo na vida dos profissionais surdos, seja para o que deveriam colocar como pedagogia da diferença, seja para o que presumem que deveria ser parte constitutiva de sua formação.

Enfatizamos ainda, os campos da Educação dos Surdos, passando por transformações em relação ao conhecimento referente aos surdos e sua aplicação à vida prática, melhorando a capacidade do profissional surdo, bem como do profissional de educação de surdos. Entrar nessa ótica se constitui em um privilégio em vista das mudanças educacionais que estão ocorrendo e que devem ocorrer como acontece nos espaços dos grupos de minorias.

Cumpre-nos anunciar aqui, que o Brasil talvez lidere o caminho em pesquisas sobre esse novo aspecto da educação do surdo. Esse anúncio não é nosso, trata-se de um dito dos mais importantes surdos que temos na atualidade, o Juan Eugenio, que afirma ser o pesquisador em educação de surdos e também pesquisador em identidade surda. Por que? Porque no Brasil temos o seguinte quadro: professores surdos¹³ que não encaminham para a integração, mas para a pedagogia da diferença referente aos surdos. Daí, porque não precisamos olhar para outros métodos, insistir em modelos de educação de outros países, mas exclusivamente precisamos olhar criticamente nossa caminhada.

A interpelação da história dos surdos identifica onde os professores surdos oriundos da Escola de Paris encontraram a essencialidade do ser surdo. Essa busca, em níveis mais profundos não foi mais que a pedagogia que eles utilizaram para em seqüências significativas educar os surdos. E eles tiveram sucesso. Isso é evidente hoje, uma vez que se sedimenta na história da Universidade Surda, a Universidade de Gallaudet, que usa a língua de sinais como língua em seu interior. Ou como bem mostrou o professor surdo Eduard Huet, fundador do Instituto Educacional de Surdos¹⁴. É possível, durante a leitura da história dos surdos, nos determos um momento refletindo sobre os banquetes que eles realizavam na França, por volta de 1840 e as suas declarações da perspectiva surda com seus significados sobre o ser surdos.

Temos a dizer que este modo de vida surda, mostra-nos engajados no próprio “vir a ser” histórico e instalado em um espaço geográfico concreto. Isso descreve a comunidade surda e seu procedimento na totalidade. O surdo não pode ser reduzido ao espaço da sala de aula, como se devessem aprender um pequeno apanhado de conhecimentos didáticos como fazem os professores da maioria das escolas. Os fatos sociais da comunidade surda não se reduzem a fragmentos esparsos, eles são vividos por surdos, e essa consciência subjetiva, tanto quanto seus caracteres objetivos, é uma forma de sua realidade, deve ser levado para nossas escolas.

Para concluir perguntamos: Qual a pedagogia que estamos oferecendo ao surdo hoje? O que é pedagogia, o que é educação, o que é currículo? É trazer o surdo ao encontro de si mesmo, como sujeito diferente, como construtor de sua individualidade e sociabilidade. Fazer pedagogia, fazê-la na diferença, implica em garantir que o outro aprenda a produzir estratégias para os processos de produção social. A pedagogia é para a constituição, para a construção, para a representação de sua alteridade. É um processo, uma relação um ato performativo. Fazer pedagogia significa procurar receber o outro na sua performatividade para a sua diferença e sua identidade.

Contudo a conclusão não para aí. Qual pedagogia oferece Juan Eugenio? Devemos continuar perguntando pela pedagogia. Perguntar continuamente pela pedagogia que aproxime o surdo de sua alteridade infinita. Perguntar pela pedagogia que leve o surdo ser o outro Juan Eugênio. Não Juan Eugênios repetitivos iguais, mas Juan Eugênios nas narrativas da diferença de **ser surdo**.

Notas

- 1 Trata-se de definir a comunidade surda como um grupo instável de pessoas que a constitui. Tanto podem ser os surdos, os ouvintes filhos de pais surdos, os intérpretes e os que simpatizam com os surdos. Os sujeitos que a compõem estabelecem articulações que geram as necessidades de participar do grupo, como constituição de sujeitos sociais em tempos e espaços específicos
- 2 Entendemos as identidades essenciais, ou ainda um essencialismo estratégico de que fala Bhabha como constantes do centro de um disco elástico em torno do qual existem as fronteiras, nesse sentido “contornos de fronteiras”. Andar na fronteira equivale ao hibridismo.
- 3 A babel de grupos hoje é saliente. Não existem mais maiorias e minorias, existem rupturas salientes em torno de um eu diferente, de essencialidade e ou de uso de essencialismo estratégico.
- 4 Ser surdo implica em uma resposta àqueles que se refugiam comodamente sob a palavra deficiência e a nomeiam em sua epistemologia, recusando-se a ser na diversidade e assumindo a diferença.
- 5 A identidade surda existe desde que a pessoa passe a se utilizar dos olhos para fazer interação com o semelhante. (PERLIN, 1998).
- 6 Podemos citar também aqui a leitura labial como um mecanismo que alguns surdos utilizam.
- 7 Edward Said (1978) elaborou uma bela descrição das identidades centradas no homem europeu.
- 8 O bilingüismo por si é uma política menos violentadora que a inclusão, mas que se restringe ao aspecto lingüístico. A comunidade surda quer muito mais que isto, quer uma pedagogia do jeito de ser. Isto não é

nenhum surdismo, nenhum gueto como nos acusam, é antes uma pedagogia por si rica de significados, atenta à diferença.

- 9 Federação Mundial de Surdos, com sede na Finlândia
- 10 Segundo constatamos: os ouvintes e alguns surdos nos acusam de estarmos formando um gueto, mas esta acusação começa a ter respostas, pois os surdos atualmente estão colocando a impossibilidade de vivência nos meios ouvintistas onde as exigências de convivência são inacessíveis aos surdos formando outros guetos como o exemplo do oralismo que levou ao extermínio da arte surda.
- 11 Há sujeitos surdos que citam ambivalências da mesma forma que sujeitos ouvintes.
- 12 Documentos estes apresentados à sociedade pela comunidade surda do RS: *Que educação nós surdos queremos*, texto elaborado no Pré Congresso ao V Congresso de Educação Bilíngüe para Surdos realizado em Porto Alegre – 1998; e *Pedagogia dos Surdos*, texto elaborado durante o Seminário: Surdos um olhar sobre as práticas educacionais, ocorrido em Caxias do Sul, RS – 2001.
- 13 Estamos nos referindo aos professores surdos que, no RS, estão entrando nas faculdades de pedagogia e estão constituindo uma nova linha.
- 14 Na sua vinda para o Brasil, Eduard Huet fundou o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e utilizou o método de ensino ao surdo oriundo da Escola de Paris, um método próprio do professor surdo no ensino aos surdos. Atualmente, o INES tem uma metodologia que nada tem a ver com esse método.

Referências:

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

LADD, Paddy. *In search of deafhood*. Palestra proferida na II Deafway, Washington 2002.

SAID, Edward. *Orientalism*. London: Routledge, 1978.

Gladis Perlin e Wilson Miranda

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 24, n.2, p. 15-32, Jul./dez. 1999.

SKLIAR, Carlos. *Y si el otro no estuviera ahí?* Buenos Aires : Ninõ y Dávila, 2002.

Recebido em 04/04/2003
Aprovado em 09/06/2003

Gladis Perlin
Núcleo de Políticas Educacionais para SURDOS- NUPPES
Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS
gladis@cpovo.net

Wilson Miranda
Tv. Quatro Jacós 15/53
Bairro Menino Deus - Tel/fax: 026-51-3022-7728
CEP: 90150-010- Porto Alegre - RS